

Você acredita em contos de fadas?

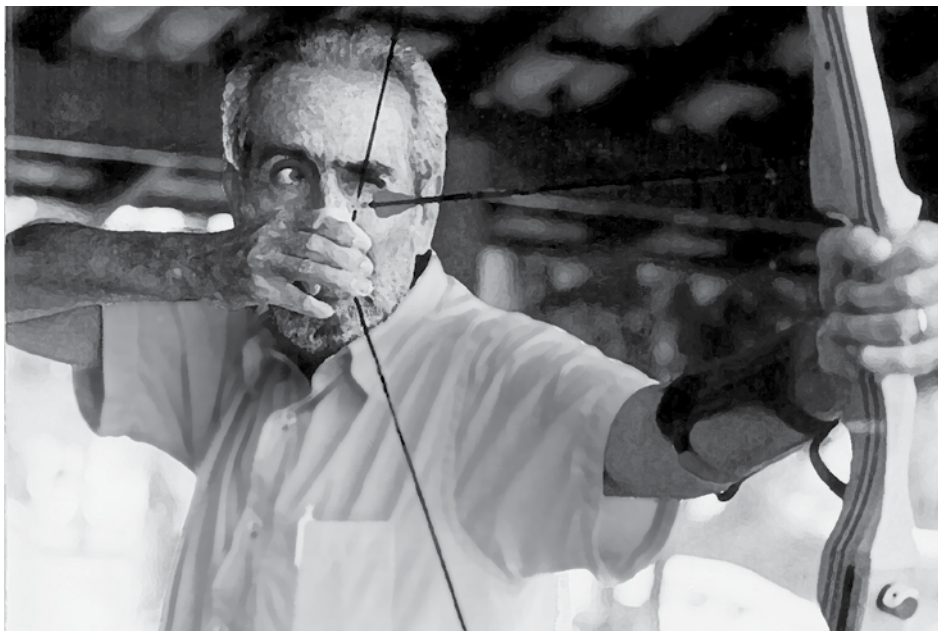


enquanto
BELA
dormia

ELIZABETH BLACKWELL



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para mamãe, papai e Rachel,
meus primeiros leitores

PRÓLOGO

Ela já se tornou lenda. A moça bonita e voluntariosa que conheci partiu para sempre, sua vida transformada em mito. A princesa que espetou o dedo numa roca e adormeceu por cem anos, para ser acordada apenas pelo beijo do verdadeiro amor.

Ouvi essa história ontem à noite, quando passava arrastando os pés pelo quarto das crianças, indo me deitar. Minha audição já não é a mesma, mas a voz de Raimy saía com bastante clareza pela porta. Ela com certeza se movia de um lado para outro ao fazer a narração, pois ouvi os rangidos reveladores das tábuas do assoalho. É raro minha bisneta se contentar em apenas contar uma história: tem que encená-la, como se seu corpo inteiro participasse da narrativa.

Ouvi sua risada malévola ao encarnar a bruxa que lançou o feitiço, depois seu arquejo no momento em que a princesa tocou no fuso fatal. Era quase tudo bobagem, é claro, mas fiquei paralisada no corredor, apesar da dor surda nos joelhos e nos tornozelos. O irmão e a irmã de Raimy deviam estar igualmente extasiados, pois não emitiram um único som enquanto ouviam a história.

– No primeiro dia do centésimo ano, um príncipe chegou à região, um príncipe mais bonito e corajoso do que qualquer outro antes dele – ouvi Raimy dizer. – Ele não sossegaria enquanto não visse a lendária princesa adormecida. Quando cavalgou em direção à muralha de árvores espinhosas, os galhos se abriram e ele a cruzou, avistando à frente o castelo de pedra e mármore que reluzia ao sol.

Ela fez uma pequena pausa e depois prosseguiu:

– Ele entrou no grande salão e deparou com uma visão espantosa: a corte inteira entregue a um sono que lembrava a morte. Correu pelo castelo até chegar à torre mais alta. Lá, numa cama no centro do aposento, achava-se a

Bela Adormecida, com os cabelos dourados espalhados sobre o travesseiro e as faces ainda rosadas. O príncipe não conseguiu resistir. Curvou a cabeça e a beijou. Nesse momento, o encanto se quebrou. A Bela Adormecida acordou e o castelo voltou à vida. O rei e a rainha choraram de alegria ao reencontrarem a filha, e restabeleceu-se a felicidade no reino. O príncipe casou-se com a princesa e eles viveram felizes para sempre.

Hum! Seria mesmo um belo truque derrubar uma filha da realeza com um fuso pontiagudo, depois vê-la renascer com um único beijo. Se existe esse tipo de mágica, ainda não a conheci. O horror do que realmente aconteceu perdeu-se, e não é de admirar. A verdade está longe de ser história de criança.

No dia seguinte, perguntei a Raimy onde ela ouvira aquele conto.

– Um menestrel o cantou na feira. – Seus olhos brilharam com a lembrança, e pude visualizá-la na praça da aldeia, abrindo caminho para chegar à frente da multidão. – Já imaginou? A princesa completamente sozinha na torre, à espera do verdadeiro amor? Sinto arrepios só de pensar.

Também senti arrepios, embora Raimy nunca pudesse adivinhar a razão. Será que alguém acredita que uma mulher seja capaz de sobreviver a um sono semelhante à morte e sair dele ilesa? Ah, como tentamos curá-la, nós que mais a amávamos! No entanto, alguns estragos são profundos demais para serem consertados.

– É melhor encher sua cabeça de versículos da Bíblia do que dessas bobagens – resmungou o pai dela.

Nunca gostei dele. A mãe de Raimy, minha neta Thelyn, trata-me com gentileza e carinho, como quem cuida de um bicho de estimação fraco que não tem mais muito tempo de vida, mas seu marido reclama da quantidade de comida que consumo – como se meu corpo encarquilhado não devesse ser alimentado! – e me chama de bruxa velha quando pensa que não estou ouvindo.

Raimy fez um muxoxo para o pai.

– É só uma história! – protestou.

Perto dos 14 anos e já muito bonita, ela se irrita com sua vida na fazenda. Ao fitá-la nesse momento, surpreendi-me tendo uma visão de Rosa na mesma idade: lábios curvados num sorriso travesso, o piscar rápido dos cílios longos. Senti uma pontada de adoração, tanto por Raimy quanto pela princesa que um dia conheci. Embora eu costume lutar para lembrar o

nome dos meus outros bisnetos, Raimy sempre foi minha favorita. Segura de si e dona de uma intensa curiosidade, parece mais cheia de vida do que as pessoas que a cercam.

É também perspicaz o bastante para notar quando sua tagarelice provoca reações inesperadas. Nos dias que se seguiram, voltou várias vezes à sua história da princesa adormecida, com olhadelas de expectativa na minha direção, enquanto eu tentava manter uma expressão de desinteresse. Uma noite, irritada por ela não reaparecer com uma touca que eu lhe pedira para buscar, capenguei até o quarto que Thelyn e o marido haviam me cedido – outra causa, sem dúvida, dos resmungos contínuos do homem sobre a minha presença. Ao entrar, vi que o pequeno baú que continha minhas posses tinha sido aberto e que minhas roupas tinham sido displicentemente jogadas de lado. Raimy, ajoelhada diante do baú, levantou a cabeça num susto, e seu arquejo se igualou ao meu quando vi o que ela segurava.

Mesmo naquele espaço mal iluminado, as esmeraldas e os rubis incrustados no cabo do punhal cintilavam. A lâmina afiada e cruel conservava seu brilho de prata, e senti uma onda de asco ao recordar aquela mesma superfície coberta de sangue. Haveria ainda alguma gota minúscula grudada naquelas pedras preciosas, ao alcance da tenra pele de Raimy?

Qualquer outra criança flagrada remexendo sem autorização nos pertences de um adulto se mostraria envergonhada e arrependida. Mas não Raimy.

– O que é isto? – perguntou-me, com a voz assombrada.

Um objeto tão caro e tão letal normalmente não teria lugar entre as posses de uma simples viúva de comerciante.

Eu poderia ter enganado Raimy com uma mentira e enxotado-a dali. Mas olhei para minha querida bisneta e constatei que não poderia mentir. Nos cinquenta anos decorridos desde aqueles dias terríveis na torre, nunca falei do que havia acontecido lá. Mas, com o corpo fraquejando e a morte se aproximando, eu andava atormentada por lembranças que me invadiam sem ser chamadas, provocando ondas de saudade do que um dia havia existido. Talvez seja por isso que permaneço nesta terra, a última testemunha que viu Rosa quando ela era jovem e não havia ainda sido atingida pela tragédia. A única que viu o desenrolar de tudo, desde a maldição até o último beijo.

Com delicadeza, tirei o punhal das mãos de Raimy e o recoloquei na

bolsa de couro em que estivera escondido. Olhei para o amontoado de objetos que ela havia retirado do fundo do meu baú: uma pulseira de couro trançado que para mim era mais preciosa que qualquer adorno cravejado de diamantes, alguns intrincados debruns de renda, resgatados de vestidos que haviam se desintegrado fazia muito tempo, um poema escrito com letra elegante num pedaço de pergaminho que já estava se desfazendo com o tempo. Um colar de ouro com três voltas, enfeitado de flores em miniatura, que Raimy fitou com assombro e cobiça, enquanto meu coração tornava a chorar pela mulher que um dia o havia usado. Restos de uma vida sem importância para ninguém a não ser eu mesma.

Sentando-me devagar na cama, fiz um gesto para que Raimy se juntasse a mim. A família se preparava para dormir; ninguém sentiria nossa falta se nos isolássemos por algumas horas.

E, assim, comecei.

– Vou lhe contar uma história...



Parte I

**Era
uma
vez...**

UM DESTINO REVELADO

Não sou o tipo de pessoa sobre quem se contam histórias. Os que têm origem humilde sofrem suas mágoas e comemoram seus triunfos sem serem notados pelos bardos e não deixam vestígios nas fábulas de sua época. Criada numa mísera fazenda com cinco irmãos homens, eu sabia que se esperava que me casasse aos 16 anos e trabalhasse num pedaço de terra igualmente pobre, com minha prole de filhos subnutridos. Era um caminho que eu teria seguido sem questionamento, não fosse por minha mãe.

Devo iniciar minha história por ela, porque todos os acontecimentos que vieram depois, todas as maravilhas e todos os horrores que testemunhei em meus muitos anos de vida, começaram por uma semente que ela plantou em minha alma praticamente em meu nascimento: a certeza arraigada e inabalável de que eu estava destinada a ser mais do que a mulher de um camponês. Toda vez que mamãe me corrigia a gramática ou me advertia para endireitar a postura, era de olho no meu futuro, como um lembrete de que, apesar de minhas roupas esfarrapadas, eu devia me comportar como meus superiores. Ela mesma era uma prova de que podia haver grandes mudanças na sorte de uma pessoa: nascida numa família pobre de serviçais e órfã desde tenra idade, ela se elevara à posição de costureira do castelo de St. Elsip, a residência do rei que governava nossas terras.

O castelo! Como eu sonhava com ele, imaginando uma construção de torres altíssimas e mármore polido que pouca semelhança tinha com a fortaleza abrutalhada que eu viria a conhecer tão bem. Minha fascinação de menina se estendia a conversas imaginárias com damas elegantes e cavaleiros galantes, fantasias que eu fazia o possível para reprimir, por conhecer muito bem os perigos que corria quem assumia ares superiores ao que se

esperava de pessoas em sua posição social. Mamãe quase nunca falava de sua juventude, mas eu guardava as poucas histórias que ela me contava como um trapeiro que recolhe farrapos e me perguntava por que ela teria desistido de sua privilegiada posição de serva da realeza, trocando-a por uma vida de trabalho extenuante. Houvera um tempo em que seus dedos finos haviam acariciado fios de seda e suntuosos tecidos de veludo; depois as mesmas mãos passaram a ter as rachaduras e a vermelhidão de anos de tarefas braçais e o rosto exibia quase sempre uma expressão de resignação e cansaço. As únicas ocasiões em que me lembro de tê-la visto sorrir foram os momentos de intimidade que roubávamos entre as mamadas do bebê e o plantio e a colheita, aquelas horas preciosas em que ela me ensinava a ler e escrever. Quase todos os meus exercícios eram feitos no chão de terra, ao lado da casa, usando um graveto para formar as linhas e as curvas das palavras. Quando via meu pai se aproximar, eu apagava depressa os rabiscos com os pés e corria em busca de uma tarefa com que me ocupar. Para ele, criança ociosa era criança perversa, e uma filha não tinha motivos para aprender as letras.

Mert Dalriss era conhecido em nossas paragens como um homem rude, o que realmente correspondia à realidade. Seus olhos tinham o frio azul-acinzentado de uma rocha, e as mãos eram calejadas e ásperas por conta de uma vida inteira de trabalho braçal; quando ele me dava um tapa, parecia que eu tinha levado uma pazada. Sua voz era rouca e ríspida, e ele usava as palavras com parcimônia, como se a enunciação de cada uma lhe causasse um grande esforço físico. Embora eu não sentisse afeição por meu pai, tampouco o odiava; ele era um simples aspecto desagradável da minha existência, como a lama que grudava nos meus pés a cada primavera ou a dor da fome que me enchia o estômago no lugar da comida. Eu via sua rigidez simplesmente como o ressentimento habitual de um homem pobre em relação à filha que lhe custaria um dote.

Só ao completar 10 anos foi que tomei conhecimento da verdadeira razão pela qual ele nunca tivera nem jamais teria amor por mim.

Foi numa manhã de sábado em que eu havia acompanhado minha mãe à feira semanal da nossa aldeia, um aglomerado de algumas dezenas de casas a cerca de meia hora de caminhada de nosso casebre miserável de um cômodo só. Os lavradores e aldeões se reuniam para pechinchar um magro sortimento de mercadorias: alguns nabos ou cebolas, saquinhos de

sal ou açúcar, talvez um porco ou um cordeiro. Era raro as moedas serem passadas da mão de uma pessoa para a de outra; o mais comum era a carne ou os ovos serem trocados por pedaços de tecido ou barris de cerveja. Os vendedores mais afortunados conseguiam um lugar em frente à igreja, onde podiam ficar nas lajes secas do pavimento; os outros simplesmente paravam suas carroças no meio da estrada lamacenta que passava pelo vilarejo. Alguns dos agricultores mais prósperos serviam-se de seus barris de cerveja e ficavam por ali durante a maior parte da manhã, dando risadas e tapinhas nas costas uns dos outros enquanto seu rosto ia se tornando mais vermelho. Meu pai nunca estava entre esses homens, posto que a embriaguez era uma das muitas fraquezas que desprezava nas pessoas.

A feira era um lugar não só de comércio, mas também de difusão de mexericos, por isso a maioria das mulheres se demorava por lá mais do que o tempo necessário para se abastecer de mantimentos. Minha mãe nunca parava depois que concluía suas tarefas; era como se levasse muito a sério o menosprezo de meu pai pela ociosidade dos aldeões. Eu me deslocava lentamente de carroça em carroça, na esperança de esticar a visita, mas ela passava por mim com agilidade e eficiência, cumprimentando os vizinhos com um meneio da cabeça, mas quase nunca parando para conversar. Em geral eu tinha que correr para segui-la, ignorada. Até que, um dia, fiquei imóvel diante da carroça do padeiro. O cheiro de pão fresco estava muito tentador; achei que poderia satisfazer o ronco no meu estômago sorvendo aquele aroma. Se o cheirasse por tempo suficiente, talvez eu pudesse tapear a fome e me sentir saciada.

Virei-me e constatei que minha mãe tinha ido embora. Sem querer ficar para trás, abri caminho pela aglomeração de pessoas diante dos produtos do padeiro e acabei pisando no pé de um menino. Ali não havia estranhos, pois todos frequentávamos a mesma igreja, mas não consegui lembrar o nome dele, apenas que sua família trabalhava numa fazenda substancialmente maior que a nossa, do outro lado da aldeia, onde a terra era mais fértil. Ele tinha as bochechas rosadas e redondas dos bem alimentados.

– Olhe por onde anda! – repreendeu-me, revirando os olhos para o amigo a seu lado.

Empenhada em achar minha mãe, não lhe dei atenção. E teria acabado aí, se o menino não tivesse dito mais uma coisa:

– Sua bastarda.

Creio que ele não pretendeu que eu ouvisse. A palavra foi mais cochichada que gritada, mas escapou de sua boca como um encantamento perigoso e potente. Quando encontrei minha mãe, logo depois, procurando por mim nos degraus da igreja, perguntei-lhe o que significava aquilo.

Ela prendeu a respiração e deu uma olhadela em volta, para ter certeza de que ninguém me escutara:

– Essa é uma palavra feia, e não admito que você a repita! – cochichou, em tom veemente.

– Foi um menino que disse isso para mim! – protestei. – Por que ele me chamou disso?

Mamãe franziu os lábios. Puxou-me pelo pulso com uma das mãos, segurando a cesta embaixo do outro braço. Nós nos afastamos da igreja e seguimos pela estrada que levava de volta à fazenda, sem dizer nada por algum tempo. Quando já não podíamos ver a aldeia, atrás de uma colina ao longe, ela se virou para mim.

– Os filhos que nascem fora do casamento são chamados assim – explicou.

– A senhora não é casada, mãe?

Ela deu um suspiro. Ainda me lembro da expressão de derrota que se instalou em seu rosto e da minha apreensão ao ver minha mãe, que era forte e decidida, quase reduzida às lágrimas.

– Eu esperava que você nunca viesse a saber – disse ela em voz baixa, desviando o olhar para os campos. Em seguida, recompondo-se, prosseguiu no seu tom enérgico e pragmático de sempre: – Se a minha vida continua a ser motivo de mexericos na aldeia depois de tanto tempo, suponho que seja melhor você conhecer a verdade. Eu a trouxe ao mundo antes de conhecer o Sr. Dalriss.

Na época, eu sabia o bastante para compreender como um homem e uma mulher geravam um filho; as meninas lavradoras que veem animais cruzando no campo não ficam inocentes por muito tempo. O choque se misturou ao entusiasmo, quando me dei conta de que minha mãe tinha se deitado com outro homem que não aquele a quem eu chamava de pai. Quem? E por que ele não havia me reconhecido como filha? Minha mente girava, com uma pergunta levando a outra, enquanto eu tentava juntar os pedaços do pouco que conhecia da juventude de minha mãe, à luz dessa revelação.

– Foi por isso que a senhora saiu do castelo? – indaguei. – Por minha causa?

– Foi – disse ela.

Não houve amargor em sua voz, tampouco censura. Apenas um misto de aceitação e cansaço.

Ela me deu as costas e recomeçou a andar pela estrada como se nada houvesse mudado. Para mim, porém, tudo se modificara. Foi aquele momento, percebo agora, que me fez iniciar o caminho fatídico para o castelo, para o rei, a rainha e Rosa, e para os poderes sinistros de Millicent. Eu poderia ter aceitado o desejo de minha mãe de isolar o passado, acompanhando-a para casa em silêncio. Poderia ter conseguido o que se consideraria um bom casamento, com o filho de algum lavrador próspero ou com um comerciante da aldeia, e passado o resto da vida a poucos quilômetros do lugar em que tinha crescido.

Em vez disso, corri para junto de mamãe, ansiosa por ampliar o breve vislumbre que ela me dera de sua vida antes da fazenda.

– A senhora não quis me criar lá?

Ela não afrouxou o passo, mas me olhou de relance com desaprovação, contraindo os lábios. Preparei-me para uma reprimenda, mas, em vez disso, ela respondeu à minha pergunta com inesperada franqueza:

– Não foi escolha minha. O castelo era o lugar mais maravilhoso que eu já tinha visto. Teria ficado lá para sempre, se pudesse. Mas seu pai não quis fazer de mim uma mulher honrada e, assim, caí em desgraça e fui expulsa de lá. Fui enganada, como acontece com muitas mulheres tolas, e paguei um preço alto.

Não compreendi inteiramente; a natureza das relações entre homens e mulheres era obscura para as meninas da minha idade. Mas ainda escuto a rispidez das palavras dela. Mamãe se culpava pelo que havia acontecido, talvez mais ainda do que o homem que a abandonara. Como eu gostaria de fazer retroceder o tempo e aliviá-la do peso que tanto a sobrecarregava! Se eu fosse mais velha e mais compassiva, ela poderia ter me contado tudo e encontrado um pouco de paz nessa confissão. Mas talvez tenha sido melhor esse segredo ter permanecido guardado. O que faria uma garota da minha idade com uma informação tão perigosa?

– Então eu não nasci no castelo? – perguntei, ainda uma criança bastante interessada em seu lugar na história.

Mamãe balançou a cabeça.

– Não, você nasceu na cidade, em St. Elsip.

– Na casa da sua irmã?

Minha tia Agna era esposa de um comerciante de tecidos, uma figura misteriosa que todo Natal nos mandava rolos de lã, o que nos possibilitava fazer roupas novas quando as velhas ficavam esfarrapadas pelo uso. Mas eu nunca a havia conhecido. Tendo subido na vida, ela preferia manter distância da pobreza de nossa família.

– A Agna fez tudo o que pôde – disse mamãe. – Me deu dinheiro e alguns cueiros. Mas não quis que eu ficasse na casa dela. Era uma senhora casada e respeitável, que tinha os próprios filhos. Eu não quis que a reputação dela fosse arranhada por causa do meu erro.

– O que a senhora fez?

– Encontrei uma casa de cômodos gerenciada por uma mulher que um dia estivera na mesma situação que eu. Ela era bondosa, lá à sua maneira, e ajudou a trazer você ao mundo. Sem ela, talvez você não tivesse vivido mais do que alguns dias. Foi lá que conheci seu pai.

– O Sr. Dalriss?

– Pai – sibilou ela. – Você vai chamá-lo de pai, mocinha. Ele nos salvou da fome, nunca se esqueça disso. Toda vez que você morder uma casca de pão, deve agradecer a ele.

– Sim, mãe.

Temí que ela tivesse ficado zangada a ponto de percorrer em silêncio o resto do caminho para casa, por isso foi um alívio quando voltou a falar:

– Você estava com 2 anos. Eu tinha costurado uns vestidos para minha senhoria, para pagar por meu sustento, mas depois de algum tempo não havia mais nada que eu pudesse trocar. Ela nos deixou dormir na cozinha, desde que eu a ajudasse a cozinhar. O Sr. Dalriss foi à cidade comprar um cavalo novo e soube que minha senhoria tinha uma hospedaria limpa. Viu-me servindo o jantar, fez perguntas a meu respeito, e imagino que tenha achado que poderia voltar para casa com uma esposa. A primeira vez que falou comigo foi para me perguntar se eu me casaria com ele. Eu disse sim na mesma hora e com gratidão. Não eram muitos os homens que se dispunham a ficar com uma moça sem um centavo e com uma filha bastarda. E ele tinha uma fazenda, uma terra própria. Eu havia me preparado para aceitar propostas muito menos promissoras.

Talvez o Sr. Dalriss fosse alguém mais gentil naquela época, menos endurecido pelas decepções. Mas eu não conseguia imaginar que algum dia

pudesse ter sido uma boa escolha para se casar. Mamãe devia estar mesmo desesperada, para aceitá-lo.

– Trabalhei muito para mostrar que ele tinha feito a escolha certa – continuou mamãe. – Quando lhe contei que estava esperando um filho, menos de quatro meses depois do casamento, foi a primeira vez que o vi sorrir. Ele me disse: “Eu sabia que você era boa parideira.” Sempre me lembrarei disso, pois, de tudo o que ouvi dele até hoje, foi o que chegou mais próximo de uma palavra gentil.

Ele havia escolhido minha mãe como quem escolhe uma vaca. Mamãe já tinha provado que era capaz de dar à luz uma criança sadia, e o Sr. Dalriss confiou em que produziria um bando de filhos para cuidar da lavoura. E mamãe cumprira sua parte da promessa. Será que algum dia tinha se arrependido da escolha feita?

– Esse homem, o meu pai de verdade... – comecei.

Mamãe se virou e me esbofeteou com força.

– Você nunca mais vai falar dele. Ele não a chamaria de filha. Cuspiria em você.

A crueldade de suas palavras me trouxe lágrimas aos olhos, mais do que a bofetada. Se fosse meu pai, me bateria de novo por chorar, mas mamãe se abrandou ao ver meu sofrimento. Envolveu-me nos braços e encostou meu rosto em seu peito, o que não fazia desde que eu era pequena.

– Passou, passou... – falou, baixinho. – Você deve manter a cabeça erguida. Ainda vou ver você vencer, não importam as circunstâncias do seu nascimento.

– A senhora acha que eu poderia ser aceita entre os servos? No castelo?

Eu não conseguia imaginar realização maior, por isso fiquei surpresa ao ver minha mãe hesitar, o rosto tenso de preocupação. *Ela não quer que eu vá*, pensei, interpretando sua reação como a inclinação materna natural de querer manter os filhos perto de casa. Agora, passados tantos anos, me pergunto se ela estaria pensando em me alertar. Dada a sua triste história, ela sabia muito bem das intrigas que se escondiam por trás dos modos cortesões. Se não houvesse aparecido uma carroça chacoalhando atrás de nós, o que fez mamãe me soltar e oferecer um breve cumprimento com a cabeça ao lavrador que passava, o que ela teria dito?

– Venha – apressou-me, ajeitando as mangas, sem graça, enquanto a carroça seguia seu caminho. – Seu pai está esperando para almoçar.

Senti um aperto no peito ao imaginar as ríspidas reclamações dele caso nos atrasássemos. Mamãe deslizou delicadamente um dedo por meu rosto:

– Sua pele está muito queimada da colheita – observou. – É hora de seus irmãos assumirem uma parte maior do trabalho na lavoura. Não quero que você cresça com pele de camponesa.

– Então a senhora concorda? – perguntei, hesitante. – Acha que eu posso arranjar um trabalho na corte, um dia?

Senti um frio na barriga com a expectativa.

– Agora não é hora de termos essa discussão – respondeu ela. – Vamos ver quando você for mais velha.

Aos 10 anos, eu via meu futuro abrir-se diante de mim como um horizonte interminável, e o início da minha vida adulta encontrava-se a uma distância intransponível. Haveria tempo suficiente para ponderar sobre as minhas perspectivas e planejar o rumo da minha vida. Mas, sempre que eu tentava conversar sobre o trabalho das servas, mamãe mudava de assunto e, com o tempo, parei de perguntar.

Não voltamos a falar do castelo até o dia em que ela morreu.



Na primavera em que completei 14 anos, temporais terríveis transformaram nossos campos em rios de lama, atrasando a semeadura, enquanto nossas reservas de alimento para o inverno se esgotavam. Papai havia começado a falar em me casar logo, dizendo que seria menos uma boca para alimentar, e minha fome era tanta que eu bem poderia ter dito “sim” a qualquer homem que me oferecesse um prato de comida. Embora algumas garotas explorassem a aparência para melhorar suas perspectivas de casamento, eu não achava que essa tática pudesse me favorecer. Ao contemplar meu reflexo na água do rio, não via sinais da beleza marcante de algumas outras jovens da aldeia. Enquanto o cabelo delas era de um louro com fios dourados e seus olhos, azuis ou verdes, minha cabeleira farta e ondulada era castanho-escuro. Meus olhos pretos, apesar de grandes e agradavelmente emoldurados por cílios compridos, eram incapazes de reproduzir os olhares sedutores que outras mulheres haviam aperfeiçoado; eu fitava o mundo com um olhar direto e franco. Notava alguns sinais a meu favor: minha pele era alva e lisa e as curvas de meus quadris e seios davam a meu

corpo uma solidez saudável. Com a roupa certa, eu poderia vir a ser uma esposa adequada para um comerciante, destino que se tornara o ápice da minha ambição.

No fim das contas, outro casamento na aldeia permitiu que eu adiasse o meu. A esposa de um rico senhor de terras contratou minha mãe para bordar o enxoval de cama e mesa de sua filha, prestes a se casar, e nos salvou da inanição. Arqueei com o máximo que pude desse trabalho, sentada junto ao fogo até altas horas da madrugada, de agulha na mão, estreitando os olhos para as flores que eu criava com linhas coloridas. A vida em nosso casebre girava em torno da lareira, único lugar em que o calor era assegurado. Minha mãe passava horas ali, cozinhando e esquentando água para lavar a roupa; quando fazia frio demais para secá-la do lado de fora, pendurávamos a roupa de baixo molhada numa corda diante da lareira e tínhamos de lutar com as peças balançantes para arranjar um lugar para nós mesmos. A farinha, o sal e a aveia com que nosso trabalho de costura foi pago permitiram que nossa família sobrevivesse mais um mês, e achamos que o pior havia passado.

E então o gado adoeceu.

Tínhamos três cabeças: um touro velho, que meu pai usava nos campos, e duas vacas leiteiras. Fui a primeira a notar as crostas vermelhas nas tetas delas, ao ordenhá-las certo dia de manhãzinha. Pareciam escamosas, mas não havia sinal de sangue, por isso não lhes dei maior atenção. Só no dia seguinte, quando uma das vacas me olhou com expressão atordoada, encostando-se contra a parede do celeiro, foi que percebi que havia algo terrivelmente errado.

Quando saí para chamar meu pai, vi-o caminhando na minha direção, entre resmungos frustrados. Ele costumava baixar a cabeça quando estava com raiva, soltando xingamentos enquanto andava, e era o que fazia nesse momento.

– Pai... – comecei.

– Quieta! – vociferou ele. – A Sukey morreu.

Fiquei arrasada. Sukey era o nome que dávamos à maior de nossas porcas da vez; sempre que uma Sukey morria, a maior fêmea seguinte assumia o nome, e assim sucessivamente. Essa última Sukey tivera uma ninhada de leitões não fazia uma semana. Se não estivesse viva para amamentá-los, todos poderiam morrer, e com eles iria a nossa carne do resto do ano.

– O que aconteceu? – perguntei, seguindo-o no caminho de casa.

– Varíola.

Não era preciso dizer mais nada. A varíola era uma doença que varria as fazendas sem aviso, fazendo rebanhos e pessoas caírem com uma imprevisibilidade alarmante. Podia ser branda e apenas enfraquecer suas vítimas por alguns dias, mas também podia ser devastadora. Contava-se que certa vez, anos antes de eu nascer, havia matado famílias inteiras na aldeia.

Minha mãe foi a primeira a notar as manchas no meu rosto, no dia seguinte. Eu havia acordado com uma tosse seca e rouca e com febre, mas isso, por si só, não era razão para me ver liberada de minhas tarefas cotidianas. Só uma doença muito grave permitiria o repouso na cama dos meus pais, com seu colchão de penas. Nós, os filhos, em geral dormíamos amontoados no sótão, embaixo das vigas – uma área sombria de madeira, coberta por uma pilha de feno e cobertores velhos. Era tolerável quando eu tinha que dividir o espaço apenas com Nairn, o irmão de idade mais próxima à minha, mas, à medida que a família aumentava, o lugar foi ficando cada vez mais abarrotado. Era comum eu acordar assustada no meio da noite por causa de um pé chutando minha barriga ou um braço jogado sobre o meu rosto.

– O que é isso? – perguntou mamãe, olhando para minha bochecha.

– O quê? – falei.

– Essas manchas. – Ela afastou o cabelo do meu rosto e pôs a palma da mão na minha testa. – Você está ardendo em febre.

Eu já ia argumentar que me sentia bem quando vi o medo no rosto dela. Mamãe segurava meu irmão caçula num dos braços e o pressionou mais de encontro ao corpo, longe da ameaça da minha doença. A quentura que eu havia tentado ignorar percorreu meu corpo feito um relâmpago, deixando um calafrio em seu encaço. Minha pele comichou, como se a varíola estivesse prestes a estourar em dolorosas erupções vermelhas.

Mamãe deitou o bebê no berço junto à lareira e tirou meu vestido de lã, deixando-me apenas de combinação.

– Você precisa de repouso – falou com urgência, empurrando-me para sua cama. – Se tomar cuidado, ouvi dizer que a varíola pode passar sem deixar danos permanentes.

Optei por acreditar nela. Aos 14 anos, que menina já achou que é mortal?

Os dias seguintes se passaram num crepúsculo eterno e nebuloso, pois essa doença atormenta suas vítimas com uma insônia que não permite alívio dos horrores. Meu corpo ardia de dor, conforme as bolhas irrompiam

em minha pele, mas eu não conseguia fugir para o alheamento do sono. Delirante, tinha visões do castelo e me imaginava andando por seus corredores largos. Eram quentes, sempre quentes, enquanto eu passava por uma lareira após outra. Eu olhava embasbacada para as chamas, admirada com a extravagância de deixarem lareiras acesas dia e noite. Tenho vagas lembranças de minha mãe sentada à beira da cama, inclinando-se para passar em minha testa um pano úmido. Depois, curvando-se para fazer o mesmo com meu irmão Nairn, a meu lado, e com outro irmão ao lado dele. Ela nos observava com o rosto inexpressivo, os olhos fixos, como se a quentura da nossa febre os tivesse cegado. O bebê ficava deitado em seu colo, numa quietude sinistra. Eu fechava os olhos, resignada a morrer.

Mas não era esse o meu destino. Depois do que poderiam ter sido horas ou anos, tive consciência do travesseiro manchado de suor sob meu rosto e senti o peso do cobertor estendido sobre meu peito. Meus olhos ardiam de cansaço, mas a febre que tanto me atormentara tinha cedido. Vi Nairn deitado junto de mim, com o rosto vermelho e deformado pelo inchaço. Ouvi sua respiração, que fazia o ar entrar com esforço e sair num sibilo. O resto da cama estava vazio. No lado oposto do cômodo, brasas tênues brilhavam na lareira. Nossa casa, em geral movimentada e cheia, estava em silêncio.

Sentei-me depressa demais e minha cabeça latejou com o esforço. Tive de fechar os olhos para afastar as imagens que dançavam diante de mim. Quando a sensação de afobação passou, abri os olhos novamente. À penumbra do fogo quase apagado, vi uma pilha de roupas jogada no chão. Mais uma vez, a respiração de Nairn estremeceu e ele pareceu prestes a exalar o último suspiro com o esforço. Olhei para o monte de roupas e notei um movimento.

Um rato, pensei. Eles entravam em casa de vez em quando, mas raramente se demoravam, pois comíamos cada migalha de que dispúnhamos. Levantei-me da cama, obrigando-me a arranjar forças para ficar de pé e enxotar o intruso. Só depois de atravessar o cômodo com passos trôpegos me dei conta de que a pilha de roupas era minha mãe.

Desabei ao lado dela, que estava embrulhada em sua capa, com o capuz cobrindo a cabeça. As pernas dobravam-se junto ao peito, as mãos escondiam-se nas dobras da saia. Afastei o capuz e me deparei com uma visão terrível: o rosto da minha mãe, tenso e cansado desde que eu me entendia por gente, mas ainda com vagos traços de beleza, havia se transformado no rosto de um

monstro. Pústulas vermelhas, que expeliam pus e sangue, haviam irrompido em sua pele. O pescoço estava deformado por um enorme inchaço, e os lábios, manchados de sangue, encontravam-se imobilizados numa rigidez de dor. Seus olhos se abriram devagar. Já tinham sido azuis e bondosos, mas agora eram vermelhos e esvaziados de qualquer sentimento.

– Mamãe – foi tudo o que consegui pensar em dizer.

Não tive certeza de que ela houvesse me reconhecido.

Seu corpo não se mexeu, porém uma das mãos emergiu do tecido e se estendeu para mim. Os lábios se entreabriram de leve, deixando escapar um som. Podia ter sido meu nome, podia ter sido um gemido de dor. Eu não soube dizer.

– Por favor, venha para a cama – insisti.

Não consegui pensar em nenhum modo de tratá-la, mas vê-la ali, deitada no chão feito um bicho, me deixou arrasada. Ela merecia coisa melhor do que esse destino.

– Elise.

Dessa vez, reconheci meu nome e sorri. Se ela ainda me conhecia, talvez houvesse esperança.

– Venha – pedi, puxando-a pelos ombros.

Ela se levantou um pouco e me estendeu os braços, mas não teve força suficiente para se levantar. Arrastei-a pelo cômodo da melhor maneira que pude, torcendo para que a saia diminuísse o impacto em suas pernas, mas ela não se queixou. Pus sua cabeça e seus braços sobre a lateral da cama, depois me curvei para levantar a parte inferior do seu corpo. Com o esforço, senti minha cabeça doer e, quando enfim a deitei ao lado de Nairn, tive medo de desmaiar. Subi na cama a seu lado e comecei a afagar seu braço.

– Mamãe, os outros... – comecei, mas parei.

Seus olhos marejados fitaram os meus, confirmando o que eu não conseguira pôr em palavras. Eles estavam mortos. Durante o período em que eu ficara mergulhada na febre, minha família havia desaparecido. Lembrei-me de ter visto o bebê no colo dela, tão pequenino e tão quieto. Torci para que o fim ao menos tivesse sido rápido para ele.

Mas eu sobrevivera. E isso significava que a varíola, esse flagelo terrível que havia dizimado minha família, podia ser vencida. Apesar de fraca, senti as ideias clarearem, o corpo ganhar força. Envovi minha mãe nos braços – tão magrinha, pouco mais que ossos –, desejando que a vida voltasse a ela.

– Por favor, não me deixe – implorei. – Não vou suportar ficar aqui sem a senhora.

– Agna – disse ela devagar, baixinho, num tom que mal chegou a um sussurro. O inchaço no pescoço devia tornar a fala insuportavelmente dolorosa, e pude sentir seu sofrimento a cada palavra. – Você tem que ir.

Cheguei a cabeça mais perto, para que ela não tivesse que se esforçar para ser ouvida. Um filete de sangue escorria de seu nariz e eu o limpei delicadamente com a beirada da manga.

– Sim, eu vou para St. Elsip – concordei –, mas só quando a senhora melhorar. Podemos ir juntas.

Suas mãos remexeram com esforço nas dobras da saia. Segurei-as nas minhas, como se o contato comigo pudesse impedi-la de me deixar. Ela soltou os dedos das minhas mãos e puxou o vestido esfarrapado. Acompanhando seu olhar, observei a bainha. Mamãe meneou a cabeça, gemendo com o esforço, e corri os dedos pela barra de sua anágua até achar uma protuberância dura. Discerni o formato de uma moeda de metal, depois outra, e mais outra. Dinheiro que ela havia escondido sem que meu pai soubesse. Dinheiro que me permitiria fugir.

A ideia de começar uma nova vida sozinha, sem ela, fez as lágrimas rolarem por minhas faces. Um gemido baixo, pouco mais audível que um sussurro, brotou da garganta de mamãe, e percebi que ela tentava me consolar, que ver a minha tristeza lhe doía mais do que os tormentos do seu corpo. Decidida a não agravar seu sofrimento, reprimi os soluços e forcei um sorriso.

– Não se preocupe – acalmei-a. – Vou arranjar um lugar no castelo. Vou deixá-la orgulhosa.

De repente, suas mãos agarraram meus braços e estremeci à pressão aguda de suas unhas. Minha febre ainda não havia cedido por completo, mas a pele dela parecia fogo contra a minha. Ela já não conseguia falar, apenas produzir uma respiração rápida e superficial, como quando se sobe uma ladeira íngreme. Mal consigo pensar nesta lembrança: minha mãe querida, tão perto da morte, mas tão aflita para me proteger. Uma única palavra escapou de seus lábios rachados. Soou como “pel”, mas poderia facilmente ter sido “bel”. Estaria ela me aconselhando a me afastar? Insistindo em que eu partisse? Desatinada, perguntei-lhe o que significava aquilo, mas ela não conseguiu emitir mais que um ruído áspero e rouco.

– Vou buscar água – falei, desesperada para fazer algo, qualquer coisa que aliviasse sua aflição.

Lutei para me levantar da cama. Um dos primeiros deveres matinais de meus irmãos era buscar água no poço, mas quando isso devia ter sido feito pela última vez? O balde estava entre a porta da entrada e a lareira, como se tivesse sido largado às pressas. Olhei para dentro dele e vi uma poça rasa de água, que mal cobria o fundo. Foi o bastante para eu molhar uma ponta da minha camisola e voltar com ela para a cama, pingando.

Mas era tarde demais. Os olhos de minha mãe tinham se fechado e ela estava imóvel, com o rosto horrivelmente alterado pela devastação da doença, mas livre da expressão de dor. Ela estava em paz. Agachei-me ao lado da cama, entregue ao desespero. A tristeza e o choque prostraram meu corpo enfraquecido e foi como se eu me tornasse de novo uma recém-nascida, incapaz de falar ou ficar de pé. Sem minha mãe, minha protetora, eu não tinha nada. Fiquei arriada sobre as mãos e os joelhos durante o que me pareceram horas, tão esgotada pela provação da morte dela que nem sequer consegui chorar.

O único som do cômodo vinha da respiração entrecortada de Nairn. Seus ruídos de inspiração e expiração se sucediam, lentos porém cada vez mais regulares. Amargurada, forcei-me a me levantar do chão. O rosto de meu irmão estava enrubescido, mas sua pele não ardia em febre como a de nossa mãe. Talvez eu ainda pudesse salvar uma vida.

Peguei o balde e caminhei aos tropeços para a porta, decidida a buscar água fresca no poço. Ao pisar do lado de fora, fui surpreendida pela luz do dia. A casa fechada me parecera existir numa noite eterna. Ouvi sons que vinham do celeiro; ao menos o cavalo poderia ter sobrevivido. Quando me aproximei da construção, a porta se escancarou e me vi cara a cara com meu pai.

– Elise! – exclamou ele, e ficou imóvel, atônito.

De camisola, enrubescida e imunda, eu devia ser uma visão e tanto, porém o aspecto dele era ainda mais chocante. O pai que eu acreditara estar morto parecia o mesmo de sempre. Acabado, como de costume, com os ombros recurvados e a testa franzida pela desconfiança. Mas saudável.

– Pensei... pensei que o senhor tivesse morrido – falei.

– Pensei o mesmo de você.

Ficamos ali, olhando um para o outro, dois fantasmas.

– A mamãe... – balbuciei. – Ela disse...

– Ela está viva? – perguntou meu pai, surpreso.

Balancei a cabeça e minha voz tremeu:

– Ela se foi.

– É, era o que eu imaginava. Pensei que ela tivesse falecido ontem, mas não pude ter certeza.

Como era possível ele não saber se sua mulher estava viva ou morta?

– O senhor não estava cuidando dela? – perguntei.

O rosto dele foi tomado pela expressão sombria que costumava assumir antes de me dar uma surra.

– Eu fiz o melhor que pude, mocinha. Vi meus animais morrerem, um por um, até só me restarem algumas galinhas e um cavalo. Enterrei quatro filhos enquanto você estava acamada!

Não me escapou que ele havia falado dos animais antes dos filhos.

– Eu devia ter ficado naquela casa e me arriscado a morrer também? – perguntou ele. – Quem você acha que deixou água e comida na porta, todas as manhãs? Como se atreve a dizer que não cuidei da minha família?

Talvez ele tivesse nos ajudado a sobreviver, mas eu não me curvaria de gratidão por suas magras oferendas.

– Dormi aqui, na palha – continuou –, mas, agora que você melhorou, pode arrumar a casa. Bem que eu poderia dormir na minha cama, para variar.

– O senhor se esqueceu de perguntar pelo Nairn.

Meu pai se limitou a me olhar. Não estava nem enlutado nem esperançoso. Apenas esperou.

– Acho que ele vai sobreviver.

– Ótimo. Ele é forte. Vou precisar da ajuda dele para lavar os campos.

– Ele não está em condições de arar – retruquei, em tom ríspido. – Não consegue nem ficar de pé.

– Vai melhorar logo. Até lá, você pode cuidar dele. Algumas outras fazendas perderam animais, mas nenhuma tanto quanto nós, e os fazendeiros que foram poupados nos mandaram carne e tortas, o bastante para que não morrêssemos de fome. Vou lhe mostrar o que tenho guardado no celeiro e você pode cuidar da comida para logo mais. Comece tomando um banho; ache alguma coisa da sua mãe para vestir.

O corpo dela ainda não tinha nem esfriado e ele já me mandava mexer nas suas coisas. A raiva que eu mantivera represada durante tantos anos cresceu, como um rio transbordando.

– Vou cuidar da casa por meu irmão, não pelo senhor.

Ele me olhou fixo, pego de surpresa por meu desacato.

– Assim que enterrarmos minha mãe, vou embora para St. Elsip. Ela arranjou um lugar na corte para mim.

A mentira escapou tão facilmente de meus lábios que quase acreditei ser a verdade.

– Corte? – reagiu ele, chegando o mais perto de uma risada que eu já tinha visto, com os olhos arregalados e a boca aberta. – Vão dar com a porta na sua cara.

– Vou encontrar uma vida melhor lá do que aqui.

Para isso ele não teve resposta. Passei o resto daquele dia interminável limpando a casa, até ficar com as mãos raladas e ardidadas. Só parei quando senti a cabeça rodar de cansaço e tive medo de desmaiar. Meu pai embrulhou o corpo de mamãe num lençol, resmungando sobre quanto custaria repor aquela peça de cama, e disse que ela poderia ficar no celeiro até que fosse possível providenciar o serviço fúnebre com o padre da aldeia. Antes que ele cumprisse esse dever sinistro, pedi um momento a sós com minha mãe para rezar. Quando ele saiu, ajoelhei-me ao lado dela e murmurei o que meu coração mandara: disse quanto eu a amava e prometi deixá-la orgulhosa. Enquanto isso, corri os dedos pela bainha de sua anágua e fui arrebrandando com as unhas a linha que a costurava, até sentir os discos lisos de metal escorregarem na minha mão. Cinco moedas de prata. Tudo o que minha mãe tinha conseguido em troca de uma vida inteira de trabalho. Pus as moedas no sapato e saí correndo da casa, antes que meu pai pudesse ver meus olhos vermelhos e meu rosto molhado.

Nos dias que se seguiram, enquanto minhas forças iam voltando aos poucos, só vi meu pai durante as refeições. Comi mais por determinação do que por fome, porém me animei ao ver Nairn recuperar seu vigor habitual. Em algumas ocasiões, separei uma porção extra para ele comer depois que papai voltasse para o campo. Em nenhum momento vi meu irmão chorar. Assim que pôde andar, ele começou a passar o tempo quase todo nos cercados dos animais ou ajudando nosso pai a capinar o terreno. Não o censurei por querer fugir de uma casa que havia assistido a tantas mortes.

Mamãe foi enterrada num dia luminoso e claro. Seu corpo foi sepultado junto ao de seus filhos, no cemitério da aldeia. Eu nunca tinha ido a um enterro, e só mais tarde me dei conta de que o padre havia oficiado o rito

mais curto possível, muito provavelmente por meu pai haver economizado na taxa de contribuição pelo serviço. Por mais rápida que tenha sido a cerimônia, senti o peso da minha tristeza aliviar-se por um momento, como se o próprio Deus insistisse em me fazer tirá-lo dos ombros. Mamãe e os meninos tinham sido acolhidos no paraíso. O sofrimento deles havia acabado.

Na manhã seguinte, quando o alvorecer começou a afastar a escuridão, desci do sótão e passei por meu pai, que roncava na cama. Peguei a trouxinha com minhas poucas posses: uma camisola, um par de meias de inverno, algumas agulhas, linha e um pedaço pequeno de pão. Abri com cuidado o armário que guardava a roupa de meus pais e peguei o melhor vestido de mamãe, o que ela reservava para os domingos. Com o passar dos anos ele havia ficado surrado e com manchas, marcado para sempre como um traje de camponesa. Ainda assim, a qualidade do tecido era muito superior à de minha roupa esfarrapada, e eu o vesti.

Ouvi um farfalhar de palha atrás de mim, virei-me e vi Nairn me olhando do sótão. Ofereci-lhe um sorriso, mas ele apenas fez um aceno sombrio com a cabeça e me deu as costas. Talvez, dadas as perdas que já havia sofrido, não tenha conseguido dispor-se a chorar minha ausência. E foi esta a minha despedida do único lar que eu havia conhecido até então.

Rumei para a trilha das carroças que levava à aldeia, cujo atrativo se estendeu diante de mim, suplantando meu medo. Onde terei encontrado forças para dar um passo atrás do outro, rumo ao desconhecido, sozinha e desprotegida? Até hoje não sei explicar por que fixei o castelo como meu objetivo de maneira tão resoluta. Só sei dizer que senti um chamado – se foi uma tentação diabólica ou a vontade de Deus, jamais saberei.

Ou será que sei?

Será possível que Millicent, à procura de uma ajudante, tenha enviado um chamado que apenas eu era capaz de ouvir, um chamado ao qual eu não tinha o poder de resistir? Seria loucura acreditar numa coisa dessas. No entanto, o que mais poderia explicar a certeza inabalável que me levou adiante? Toda grande lenda, no fundo, é uma história de perda da inocência, e talvez fosse esse o papel que eu estava destinada a desempenhar. Eu realmente ignorava as escolhas que haveria pela frente, escolhas que me elevariam a alturas nunca imaginadas, e outras que até hoje enchem meu coração de angústia.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br